

Robert Louis Stevenson O ladrão de cadáveres

TODAS AS NOITES DO ANO. NÓS QUATRO nos reuníamos na saleta do George em Debenham — o agente funerário, o estalajadeiro. Fettes e eu. Às vezes havia mais gente; mas infalivelmente, quer chovesse, nevasse ou geasse, lá estávamos os quatro, cada um instalado em sua poltrona privativa. Fettes era um velho bêbado escocês, obviamente um homem instruído, e de alguns recursos, pois vivia na ociosidade. Chegara a Debenham anos antes, ainda jovem, e graças ao mero passar do tempo acabara sendo adotado como cidadão. Sua capa de chamalote azul era uma antiguidade local, como a flecha do campanário da igreja. Seu lugar na saleta do George, sua ausência da igreja, seus vícios velhos, libertinos e indecorosos eram todos considerados perfeitamente naturais em Debenham. Tinha algumas vagas opiniões radicais e algumas heresias fugazes, que de vez em quando expunha e enfatizava com batidas vacilantes sobre a mesa. Bebia rum — normalmente cinco copos toda noite — e passava a maior parte de suas visitas ao George sentado, o copo na mão direita, num estado de sombria saturação alcoólica. Nós o chamávamos de doutor, porque supostamente tinha algum conhecimento especial de medicina, e constava que, num aperto, havia reparado um deslocamento ou corrigido uma luxação; além desses detalhes superficiais, porém, nada sabíamos sobre seu caráter e antecedentes.

Numa noite escura de inverno — soaram nove horas pouco tempo antes que o hospedeiro se juntasse a nós — havia um homem doente no George, um importante proprietário das vizinhanças, subitamente derrubado por uma apoplexia quando a caminho do Parlamento; e um telegrama fora enviado ao médico londrino ainda mais importante do que o

homem importante, chamando-o à cabeceira deste. Era a primeira vez que semelhante coisa acontecia em Debenham, porque a estrada de ferro fora inaugurada havia pouco, e estávamos todos devidamente impressionados com a ocorrência.

— Ele veio — disse o hospedeiro, depois de encher e acender seu cachimbo.

— Ele? — perguntei. — Quem?... não o médico.

— O próprio.

— Como se chama?

— Dr. Macfarlane.

Fettes estava adiantado no terceiro copo; estupidamente atordoado, ora cabeceava, ora olhava estupefato a sua volta, mas a esta última palavra pareceu acordar e repetiu o nome — Macfarlane — duas vezes, de maneira bastante calma na primeira, mas com súbita emoção na segunda.

— Isso mesmo — disse o estalajadeiro —, esse é o nome dele, doutor Wolfe Macfarlane.

Fettes ficou sóbrio imediatamente; seus olhos despertaram, sua voz tornou-se clara, alta e firme, sua linguagem enérgica e séria. Ficamos todos espantados com a transformação, como se um homem tivesse se levantado dos mortos.

— Desculpem-me — disse. — Não estava prestando muita atenção à conversa dos senhores. Quem é esse Wolfe Macfarlane? — E em seguida, depois de ouvir o estalajadeiro: — Não pode ser, não pode ser — acrescentou.

— Mesmo assim, gostaria muito de vê-lo face a face.

— Conhece esse homem, doutor? — perguntou o agente funerário, arfante.

— Queira Deus, não! — foi a resposta. — No entanto, esse é um nome raro; seria demais haver dois. Diga-me — perguntou ao hospedeiro —, ele é
velho?

— Bem, com certeza não é jovem, e tem cabelo branco; mas parece mais novo que o senhor.

— É mais velho, contudo, anos mais velho. Mas — com uma batida na mesa — é o rum que o senhor vê no meu rosto... rum e pecado. Esse homem, quem sabe, talvez tenha uma consciência tranqüila e uma boa digestão. Consciência! Ouvindo-me falar, os senhores pensariam que fui um bom e decente cristão, não é? Mas não; nunca fui de cantilenas hipócritas. Voltaire poderia ter pregado moral se tivesse estado no meu lugar; mas o cérebro — com um piparote na cabeça calva —, o cérebro estava claro e ativo, eu vi e não fiz nenhuma dedução.

— Se o senhor conhece esse médico — ousei observar, após uma pausa um tanto desagradável —, tenho a impressão de que não partilha da boa opinião que o estalajadeiro tem dele.

Fettes não me deu atenção.

— Sim — disse, com súbita decisão. — Tenho de vê-lo face a face. Fez-se outra pausa; em seguida uma porta foi fechada de maneira bastante brusca no primeiro andar e ouviram-se passos na escada.

— É o médico — exclamou o hospedeiro. — Olhe bem, e poderá avistá-lo. Só dois passos separavam a saleta da porta da velha estalagem George; a larga escada de carvalho terminava quase na rua; havia espaço para um tapete turco e mais nada entre a soleira e os últimos degraus; mas esse pequeno espaço era intensamente iluminado toda noite, não só pela lâmpada sobre a escada e a grande lâmpada que iluminava a tabuleta por baixo, mas pela

cálida radiação da janela do bar. Com isso o George anunciava-se feericamente aos que passavam pela rua fria. Fettes caminhou com passos firmes até lá, e nós, parados mais atrás, contemplamos os dois homens, como um deles o expressara, face a face. O dr. Macfarlane era atento e vigoroso. O cabelo branco realçava-lhe o semblante pálido e plácido, embora enérgico. Estava ricamente vestido com a mais fina casimira e o mais branco linho, e exibia uma magnífica corrente de relógio de ouro, abotoaduras e óculos do mesmo metal precioso. Usava uma gravata branca pontilhada de lilás, de dobras largas, e carregava no braço um confortável sobretudo de pele. Não havia dúvida de que fazia jus a sua idade, exalando riqueza e consideração; e o beerrão da nossa saleta — calvo, sujo e espinhento, metido na sua velha capa de chamalote — fazia um chocante contraste com ele ao confrontá-lo ao pé da escada.

— Macfarlane! — chamou, um pouco alto demais, mais parecendo um arauto que um amigo.

O importante médico estancou abruptamente no quarto degrau, como se a familiaridade do chamado surpreendesse e de certo modo escandalizasse sua dignidade.

— Toddy Macfarlane! — repetiu Fettes.

O homem de Londres quase cambaleou. Relanceou o homem diante de si por uma fração de segundo, olhou para trás com certo alarme e então, num sussurro sobressaltado:

— Fettes! Você!

— Eu mesmo — disse o outro. — Pensou que eu estava morto também?

Não nos livramos assim tão facilmente de um conhecido.

— Psiu, psiu! — exclamou o médico. — Silêncio! Este encontro é tão

inesperado... vejo que está nervoso. Tive dificuldade em reconhecê-lo a princípio, confesso; mas estou radiante... radiante com esta oportunidade. Por ora, terá de ser como vai e até logo, porque meu fiacre me espera e não posso perder o trem; mas você... deixe-me ver... sim, você me dará seu endereço, e logo, logo terá notícias minhas. Precisamos fazer alguma coisa por você.

Fettes. Algo me diz que está na penúria; mas cuidaremos disso, em memória dos velhos e bons tempos, como costumávamos cantar nas ceias.

— Dinheiro! — exclamou Fettes. — Dinheiro vindo de você! O dinheiro que recebi de você continua lá onde o joguei, na chuva.

O dr. Macfarlane falara com certo grau de superioridade e segurança, mas a energia incomum dessa recusa lançou-o de volta a sua confusão inicial.

Um olhar vil, horrível, perpassou por sua fisionomia quase venerável.

— Seja como quiser, meu caro; a última coisa que desejo é ofendê-lo. Não quero impor nada a ninguém. Mas vou lhe deixar meu endereço...

— Não quero seu endereço... Não quero saber que teto o abriga — interrompeu o outro. — Ouvi seu nome; temi que fosse você; desejei saber se, afinal de contas, existia um Deus; agora sei que não. Suma daqui!

Como continuava plantado no meio do tapete, entre a escada e o vão da porta, o importante médico de Londres, para fugir, seria obrigado a rodeá-lo.

Era patente que hesitava à idéia dessa humilhação. Por mais lívido que estivesse, havia um brilho perigoso em seus óculos; mas, enquanto continuava indeciso, percebeu que o cocheiro de seu fiacre espiava da rua aquela cena inusitada, ao mesmo tempo que vislumbrou nosso grupinho da saleta, amontado junto ao canto do bar. A presença de tantas testemunhas fez com que decidisse fugir imediatamente. Agachou-se, roçando no lambri, e investiu como uma serpente rumo à porta. Sua mortificação, porém, não estava de todo

terminada, pois, quando passava. Fettes agarrou-o pelo braço e, num sussurro, mas ainda assim discerníveis, estas palavras foram pronunciadas:

— Você o viu de novo?

O rico e importante médico de Londres soltou um grito agudo, estrangulado; jogou o autor da pergunta do outro lado do espaço vazio e, com as mãos na cabeça, escapou porta afora como um ladrão pego em flagrante. Antes que tivesse ocorrido a algum de nós fazer um movimento, o fiacre já partira com estrépito para a estação. A cena chegara ao fim, como um sonho, mas o sonho deixara provas e rastros de sua passagem. No dia seguinte a criada encontrou os belos óculos de ouro quebrados na soleira, e naquela mesma noite ficamos todos ali parados sem fôlego, junto à janela do bar, e Fettes ao nosso lado, sóbrio e pálido, com uma expressão resoluta.

— Valha-nos Deus, sr. Fettes! — disse o dono da estalagem, o primeiro a recobrar seus sentidos costumeiros. — Que pode significar tudo isso? Essas coisas estranhas que estiveram falando?

Fettes virou-se para nós; encarou-nos, um após o outro.

— Tratem de manter o bico calado — disse. — Esse homem. Macfarlane, é perigoso contrariá-lo; os que já fizeram isso se arrependeram tarde demais. E em seguida, sem sequer terminar seu terceiro copo, muito menos esperar os outros dois, deu-nos adeus e, passando pela lâmpada do hotel, mergulhou na noite negra.

Voltamos os três para os nossos lugares na saleta, com o grande fogo vermelho e quatro velas claras; e, à medida que recapitulávamos o que se passara, o primeiro calafrio de nossa surpresa não demorou a se transformar num ardor de curiosidade. Ficamos ali até muito tarde; foi a sessão mais longa que jamais tive no velho George. Antes de nos separarmos, cada homem

formulara sua teoria, que estava decidido a provar; e nenhum de nós tinha qualquer negócio mais premente neste mundo que rastrear o passado de nosso infeliz companheiro e surpreender o segredo que ele partilhava com o importante médico de Londres. Não é para me gabar, mas acredito que me saí melhor em farejar uma história que meus dois companheiros do George; e talvez não haja mais nenhum homem vivo que possa lhes narrar os eventos escabrosos e antinaturais que se seguem.

Na juventude. Fettes estudou medicina nas escolas de Edimburgo. Tinha certo talento, o talento que apreende rapidamente o que ouve e logo o troca em miúdos para si mesmo. Estudava pouco em casa; mas era cortês, atento e inteligente na presença dos mestres. Eles logo o distinguiram como um rapaz que ouvia com atenção e tinha boa memória; ademais, por estranho que isso me tenha parecido quando o ouvi pela primeira vez, naqueles dias ele era bem-apegoado, de aparência agradável. Havia, nessa época, certo professor de um curso extramuros de anatomia, que designarei aqui pela letra K... Seu nome se tornaria mais tarde demasiadamente conhecido. O homem que o usava caminhava sorrateiro pelas ruas de Edimburgo, disfarçado, enquanto a multidão que aplaudia a execução de Burke¹ pedia em altos brados o sangue de seu empregador. Mas nessa época o sr. K... estava no auge da moda; gozava de uma popularidade devida em parte a seu talento e perícia e em parte à incapacidade de seu rival, o professor da universidade. Os estudantes, pelo menos, juravam por seu nome e Fettes acreditou, e fez outros acreditarem, que havia lançado as bases do seu sucesso quando ganhou a boa vontade desse homem meteoricamente famoso. Além de um mestre consumado, o sr. K... era um bon vivant, gostava tanto de uma alusão maliciosa quanto de uma boa preparação. Em uma e outra

coisa Fettes fazia por onde ser notado e, na altura do seu segundo ano no curso, ocupava a posição semi-regular de segundo demonstrador ou subassistente de classe.

Nessa condição, os cuidados com o anfiteatro e as preleções recaíam em particular sobre seus ombros. Devia responder pela limpeza do local e o procedimento dos outros estudantes, e era parte de suas obrigações prover, receber e seccionar os vários cadáveres. Era para que pudesse se desincumbir deste último assunto — na época muito delicado — que o sr. K... o mantinha alojado no mesmo beco, de fato no mesmo prédio, em que ficava a sala de dissecação. Ali, após uma noite de prazeres turbulentos, as mãos ainda vacilando, a vista ainda embaçada e confusa, ele era tirado da cama, nas horas escuras que precedem a aurora no inverno, pelo chamado dos sujos e temerários traficantes que abasteciam a mesa. Abria a porta para esses homens, mais tarde famigerados em todo o país; ajudava-os com sua trágica carga, pagava-lhes seu sórdido preço e ficava a sós, depois que partiam, com as inamistosas relíquias da raça humana. Desse cenário, voltava para mais uma ou duas horas de cochilo, a fim de reparar os abusos da noite e revigorarse para os trabalhos do dia.

Poucos rapazes teriam sido mais insensíveis às impressões de uma vida passada assim, em meio às insígnias da mortalidade. Trazia a mente fechada para todas as considerações gerais. Era incapaz de se interessar pelo destino e a sorte de outrem, escravo de seus próprios desejos e de suas reles ambições. Fundamentalmente frio, leviano e egoísta, possuía aquela pequena dose de prudência, erroneamente chamada moralidade, que afasta um homem da embriaguez inconveniente ou do furto passível de punição. Além disso, ambicionava certo grau de consideração de seus professores e colegas,

e não tinha desejo algum de fracassar manifestamente nas esferas externas da vida. Esmerava-se, portanto, em obter alguma distinção em seus estudos e, dia após dia, prestava serviços aparentemente impecáveis ao seu patrão, o sr. K...

Por seu dia de trabalho, indenizava-se ele mesmo com noites de diversão ruidosa e grosseira; e quando esse equilíbrio era alcançado, o órgão que chamava de sua consciência se dava por satisfeito.

A provisão de cadáveres era uma inquietação constante para ele, bem como para seu patrão. Naquela turma numerosa e ativa, a matéria-prima dos anatomistas estava sempre acabando; e o negócio que assim se tornava necessário era não só desagradável em si mesmo como expunha a perigosas conseqüências todos os envolvidos. A política do sr. K... era a de não fazer nenhuma pergunta em suas transações com os fornecedores. "Eles trazem o corpo e nós pagamos o preço", costumava dizer, alongando-se na aliteração — quid pro quo. E frisava, de maneira um tanto profana, para seus assistentes: "Não façam perguntas, em prol da sua própria consciência." Não se cogitava que os cadáveres fossem fornecidos pelo crime de assassinato. Se essa idéia lhe tivesse sido mencionada em palavras, o professor teria recuado com horror, mas a leviandade com que falava sobre assunto tão grave era, em si mesma, uma ofensa às boas maneiras e uma tentação para os homens com quem lidava. Fettes, por exemplo, observara freqüentemente para si mesmo o singular frescor dos corpos. Muitas vezes impressionara-se com a aparência envergonhada, abominável, dos bandidos que o acordavam antes do alvorecer; e juntando claramente uma coisa a outra, com seus botões, talvez atribuísse um sentido demasiado imoral e categórico aos conselhos negligentes do patrão. Compreendia, em suma, que seu dever consistia em três coisas: receber o que lhe era levado, pagar o preço e desviar os olhos de qualquer

indício de crime.

Numa manhã de novembro essa política de silêncio foi submetida a uma dura prova. Ele passara a noite acordado com uma dor de dente lancinante, andando de um lado para outro em seu quarto como uma fera enjaulada ou lançando-se em fúria na cama; caíra por fim naquela modorra profunda, desconfortável, que tantas vezes segue uma noite de dor, quando foi despertado pela terceira ou quarta repetição irritada do sinal combinado. Havia um luar tênue e claro; fazia um frio cortante, ventava e geava; a cidade ainda não acordara, mas uma agitação indefinível já prenunciava a algazarra e a atividade do dia. Os ladrões de túmulo haviam chegado mais tarde que de costume e pareciam mais ansiosos para ir embora que de costume. Fettes, zozzo de sono, iluminou a escada para que subissem.

Ouviu os resmungos de suas vozes irlandesas através de um sonho; e, enquanto eles retiravam o saco de sua triste mercadoria, recostou o ombro na parede, dormitando; teve de se sacudir para ir procurar o dinheiro dos homens. Ao fazê-lo, bateu os olhos na face morta. Teve um sobressalto; deu dois passos em direção a ela com a vela erguida.

— Santo Deus! — exclamou. — É Jane Galbraith! — Os homens não responderam nada, mas se arrastaram para mais perto da porta.

— Eu a conheço, eu lhes garanto — continuou. — Estava cheia de vida ontem. É impossível que tenha morrido; é impossível que vocês tenham conseguido este corpo como convém.

— Com certeza, senhor, está completamente enganado — disse um dos homens.

Mas o outro olhou Fettes nos olhos, sombriamente, e pediu o dinheiro logo.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

